

Trechos de
Homens à Procura de Deus
de Christopher Mayhew

AGRADECIMENTOS

Minha própria contribuição para este livro é comparativamente pequena, minha dívida para com os outros, enorme. Em primeiro lugar, devo agradecer às seis pessoas cuja fé religiosa o livro descreve. Elas têm sido maravilhosamente pacientes e responderam com bondade infalível aos muitos pedidos de ajuda.

Dezenas de outras pessoas me ajudaram com o livro e com os programas de TV em que se baseia. Eu só gostaria de poder agradecer a todos individualmente. Devo, no entanto, reconhecer uma dívida particularmente pesada para com os srs. Geoffrey Woodward e Kenneth Higgins, que constituíram a equipe de filmagem da BBC que me seguiu pela Europa e Ásia. Eles realizaram suas difíceis tarefas com habilidade e tato, como de costume. Quase todas as fotografias no livro são de sua autoria e eu sou muito grato a eles, e à BBC, por me permitir utilizá-las.

Devo também agradecer às seguintes pessoas por seus conselhos de peritos (e também, em vários casos, por aparecerem comigo na tela da TV): padre Agnellus Andrew, OFM, Ayana Deva Angadi, sr. Nevill Barbour, dr. Norman Goodall, rabino Jacob Hertzog, sr. Hussan Karmi, U Maung Maung Ji, e o rev. W. H. Russell. Nenhuma dessas pessoas deve ser responsabilizada por qualquer coisa que aparece no livro, mas o seu impacto sobre ele foi de fato considerável.

Sou muito grato à sra. Eleanor Howarth por revisar o livro.

Também agradeço a permissão concedida pelos seguintes autores, tradutores e editores para reproduzir as seleções apresentadas nas antologias no livro:

Seleções do **Dhammapada**, traduzidas por S.
Radhakrishnan, Oxford University Press, 1950.
Seleção de **Budismo em Tradução**, por Henry Clarke Warren.
Harvard University Press.

INTRODUÇÃO

Poucos livros foram adaptados para a difusão televisiva com verdadeiro sucesso: ainda menos programas de televisão foram transformados em livros, com sucesso ou não. Eu tinha muitas dúvidas sobre a publicação de **Homens à Procura de Deus**. Em primeiro lugar, como o leitor logo verá, o material foi recolhido com um olho na tela em vez de na página impressa. Ênfase foi dada, por exemplo à personalidade do fiel e não ao contexto histórico de sua fé, o que seria difícil de transmitir pela televisão de maneira adequada; e os fiéis si foram selecionados não só porque eram devotos, mas também porque falavam um inglês excelente, e tinham rostos e personalidades que provavelmente causariam um impacto na tela, e porque eles eram corajosos o suficiente para falar abertamente para um público muito grande.

E então, depois da televisão, a escrita pareceu um meio tão pouco eficaz de comunicação. Que vantagens tem o autor comum sobre a típica emissora de TV? Simplesmente que, tendo um leitor razoavelmente rápido, é possível compartilhar mais palavras em um determinado período de tempo, e pode ser lido e relido à vontade. Isso é quase tudo. A palavra escrita não é mais exata do que a palavra falada preparada, e não pode receber a mesma gama de ênfase e significado. Um autor, além disso, está afastado do seu público em termos de visibilidade, sonoridade e tempo. Ao contrário de seu rival, ele é invisível, desconhecido e dessincronizado. Sua única arma, a palavra escrita, é uma ferramenta frágil em comparação com imagens em movimento, fala, música e mostras de todos os tipos, animadas e inanimadas, que as emissoras podem usar para comunicar as suas ideias. Além do mais, a vantagem da emissora se torna particularmente evidente quando se trata de religião, campo onde as imagens, a música e a fala muitas vezes podem transmitir a verdade melhor do que a lógica da palavra escrita.

No entanto, apesar de todos estes receios, muito do material que recolhemos pareceu interessante o suficiente para justificar um livro, especialmente por

termos recebido, e sido incapazes de satisfazer, uma enxurrada de pedidos de telespectadores querendo os roteiros dos programas. Então, eu fiz o meu melhor, e só posso esperar que o leitor sinta que o esforço valeu a pena.

O objetivo da série de televisão era apresentar, em cada um dos seis programas, um representante seguidor de uma grande religião mundial, e tentar transmitir o que a sua fé significava para ele pessoalmente. Nenhum dos programas tentou descrever uma religião de forma abrangente ou objetiva, muito menos submetê-la à crítica, mas sim simplesmente mostrar o que significava para uma pessoa que acredita nela.

Para selecionar as personalidades de que precisávamos, e reunir o material necessário, eu visitei Roma, Jerusalém, Lahore, Benares, Calcutá e Yangun. Em cada lugar fiz uma entrevista filmada com a personalidade escolhida, e deixei um roteiro de gravação para filmagens suplementares por uma equipe de câmera da BBC que me seguiu por todas as partes.

Naturalmente, a seleção de personalidades gerou muitas dificuldades.

Era preciso encontrar pessoas que fossem representantes de sua religião no que tem de melhor, e que também pudessem se expressar de forma clara e concisa. Mas budistas típicos, por exemplo, não falam inglês, e em todas as religiões, muitos dos que falam inglês tendem a ser influenciados pelo ensinamento cristão. Em casos difíceis, dei prioridade à forte convicção e à clareza de expressão sobre a rígida ortodoxia da crença. Apesar disso, as opiniões de todas as seis personalidades selecionadas seriam, tenho certeza, de um modo geral aceitáveis para seus correligionários.

Um capítulo do livro é dedicado a cada uma das personalidades, e contém uma breve nota introdutória, um relato literal da minha entrevista com a pessoa, e uma curta “antologia” de suas passagens escriturais favoritas. O Capítulo V lida com as duas personalidades cristãs juntas. No capítulo final tento fazer um resumo.

CAPÍTULO III

UM BUDISTA

U San Nyun

Meu primeiro encontro com U San Nyun foi em uma reunião, em Yangon, do Conselho de Buddha Sāsana, o mais alto escalão religioso na Birmânia, através de cuja liderança os monges e os budistas leigos tentam incentivar a difusão do budismo pelo mundo todo. O encontro aconteceu na residência de U Tchan Htoon, o procurador geral do governo birmanês, que é presidente do Conselho. Nós nos sentamos em círculo, tomando chá, e expliquei o meu objetivo incomum que me trouxera à Birmânia, e pedi a sua ajuda. Em particular, disse, muito apreciaria a indicação deles para escolher um budista devoto para participar do programa de televisão— alguém que falasse bem inglês, cujas opiniões fossem aceitáveis para o Conselho, e que estivesse preparado para ser filmado durante seu momento de devoção, e falasse francamente sobre sua fé, para o benefício de uma audiência de vários milhões. Quando concluí, houve uma pausa, e então cada membro do Conselho, num esforço ansioso para evitar ser ele o escolhido, começou a recomendar calorosamente algum outro membro para a tarefa. Depois de muitas argumentações agradáveis e divertidas, o fardo por fim recaiu sobre os ombros relutantes de U San Nyun, que era afável demais para recusar.

Ele é um homem grande, com um rosto amplo, redondo e impassível, e é bem-humorado e imperturbável mesmo para os padrões birmaneses. Depois da reunião, ele me levou para sua encantadora casa nos arredores de Yangon, e me apresentou sua esposa e filha, que também são budistas devotas.

U San Nyun é um juiz aposentado, ex-funcionário público. É um budista leigo, embora tivesse passado um curto período de tempo em um mosteiro em sua juventude, e ainda visite o mosteiro de tempos em tempos, a fim de ouvir os sermões das lideranças monásticas. A maioria dos homens birmaneses são monges em algum período de sua vida, e existem mais de cem mil monges atualmente na Birmânia, em uma população total de dezoito milhões.

À medida que U San Nyun me explicava o budismo (veja entrevista abaixo) parecia uma fé simples e direta, quase nem uma religião, mas sim um método de compreensão e domínio da dor e do sofrimento, algo a ser testado e, se

necessário, alterado à luz da experiência humana. As origens do Budismo, na vida e no ensinamento de Buda, são bem documentadas, e não parece haver razão para duvidar dos principais fatos —que cerca de 2.600 anos atrás, o filho de um rei de uma pequena tribo guerreira no Nepal deixou o palácio de seu pai para encontrar uma cura para a dor e a infelicidade. Descobriu o “Caminho do Meio”, atingiu a Iluminação, começou a pregar, e fundou uma ordem de monges. Quando visitei a Índia, estive perto da pequena colina em Sarnath, perto de Benares, onde se acredita que o Buda proferiu o seu primeiro sermão. Hoje, 2.600 anos depois, quinhentos milhões de pessoas seguem seus ensinamentos, por toda a Ásia Central e o Sudeste da Ásia, e, com variações locais, na China e no Japão.

As antigas escrituras dizem que houve presságios no momento do nascimento do Buda. Os astrólogos profetizaram que, se o príncipe assumisse o trono, se tornaria o Monarca Universal, mas que se renunciasse ao trono e se tornasse um recluso, se tornaria o Buda Todo-Iluminado. Seu pai, o rei, ansioso para que seu filho se tornasse o rei dos reis, cercou-o com luxo e esplendor de todo tipo e impediu os pobres, os idosos e os doentes de aparecerem diante de seus olhos. Mas um dia, dizem as escrituras, ao passear nos parques do palácio, o príncipe viu quatro aparições— um idoso, enfermo e curvado sobre si mesmo; um homem doente coberto de úlceras; um cadáver em decomposição e um venerável recluso. Ele se tornou consciente da transitoriedade e da futilidade da vida. Deixou o palácio durante a noite e tornou-se um recluso errante, determinado a encontrar um caminho para a libertação do círculo vicioso de nascimento, velhice, morte e renascimento. Depois de seis anos de busca, atingiu a Iluminação sob uma figueira-da-Índia em Gaya.

No “Caminho do Meio”, que Buda pregava, a meditação tem um papel importante, e quando estava na Birmânia visitei vários dos milhares de centros de meditação ali estabelecidos. Um destes, que U San Nyun costumava frequentar, era um centro moderno dirigido por um ex-ministro de Estado, U Ba Khin. Fui apresentado ao aluno mais versado de U Ba Khin, o Sr. Venkataraman, que deu uma demonstração de notáveis poderes de concentração mental. Aparentemente de própria vontade, e muito rapidamente, entrou e saiu de um estado de contemplação profunda e inconsciente conhecido como o “transe de cessação”. Enquanto estava em transe, seu corpo estava completamente rígido, e eu não consegui movê-lo. Quando lhe perguntei depois sobre o valor da experiência que ele teve, respondeu-me: “Assim que me levantei, verifiquei estar o meu corpo muito

leve, e também, ao mesmo tempo, minha mente estava cristalina. Isso me deu uma paz mental e uma felicidade que as palavras não podem descrever.” Alguns dos métodos de meditação usados por budistas birmaneses são descritos em uma página mais adiante. O que me interessou particularmente sobre os poderes do Sr. Venkataraman foi que eles, aparentemente, não eram associados a nenhuma crença religiosa, e foram alcançados sem praticar o asceticismo ou qualquer tipo de distanciamento do mundo. Ele era, de fato, um funcionário do Departamento do Contador Geral, um homem casado e com dois filhos.

Para os budistas leigos, no entanto, os pagodes, em vez dos mosteiros e dos centros de meditação, formam o centro de suas vidas religiosas. Amigos budistas me levaram para ver vários dos melhores pagodes da Birmânia, em particular o mundialmente famoso pagode Shwedagon em Yangon, que podia ser visto da casa de U San Nyun, e que ele visita regularmente com sua esposa e filha. Ele me disse que o propósito das visitas era fortalecer sua vida espiritual e lembrá-lo de sua fé, prestar homenagem ao Buda e expressar sua gratidão por seus ensinamentos. Depositam oferendas de velas, flores ou pequenas bandeiras de papel diante de uma das muitas estátuas de Buda, e curvam-se diante da estátua três vezes, com as palmas das mãos juntas e os polegares tocando suas testas. Esta prática, conhecida como ‘shikkoing’ pareceu-me desmentir a afirmação de que a adoração a Deus não tinha lugar no budismo, mas U San Nyun declarou que, quando ele “shikkoava” não estava adorando a Buda como um deus — estava apenas prestando homenagem a ele como um professor, capaz de mostrar-lhe o caminho para a paz de espírito e o domínio do sofrimento. Ele disse que em suas orações os budistas não pedem coisas e não esperam ajuda de Buda, exceto através de seus ensinamentos.

A julgar pelo que U San Nyun me disse, a mensagem do budismo parece ser que a felicidade e o domínio do sofrimento não podem ser conquistados por meios comuns. Bondade moral é essencial, mas não é suficiente. Somente através da busca dentro de nós mesmos, através do autoconhecimento e do autocontrole, podemos obter a compreensão profunda e a experiência espiritual. No decorrer desta busca, descobrimos que nada no universo é constante ou permanente, e a percepção de que tudo está mudando, inclusive nossos próprios corpos e mentes, é a verdadeira base sobre a qual crença espiritual e experiência podem ser fundamentados, e o medo da morte, dissipado.

(LEGENDAS DAS FOTOS)

No centro de meditação de U Ba Khin.

Sr. Venkataraman em transe de Cessação.

No Pagode Shwedagon, com a esposa e filha.

No Pagode Shwedagon, “shikkoando”

U San Nyun e sua esposa oferecem esmola a um monge budista.

No Mosteiro Thathanayeiktha.

Ouvindo uma palestra sobre meditação do Ven. Mahasi Sayadaw

U San Nyun, em casa. Período de meditação noturna (Na última página)

MINHA ENTREVISTA COM U SAN NYUN

EU

Eu gostaria de começar lhe perguntando, U San Nyun, se é correto chamar o budismo de religião.

U SAN NYUN

Se por religião você quer dizer adoração a Deus, não. O budismo é muito mais do que uma religião. É o ensinamento de Buda mostrando o caminho para a libertação do sofrimento e da morte.

EU

E como budista o senhor não está envolvido na crença em um Deus?

U SAN NYUN

Não, nós não acreditamos em um Deus que criou o homem, ou qualquer coisa parecida. O ensinamento do Buda vê a existência do universo sem a necessidade de um criador.

EU

Claro que você não adora a Buda também?

U SAN NYUN

Não, nós prestamos homenagem ao Buda como um grande professor, assim como prestamos respeito aos nossos pais.

EU

Qual é então o seu objetivo final como budista? Quero dizer, qual é o objetivo final?

U SAN NYUN

Alcançar o Nibbāna.

EU

Nós chamamos isso de Nirvana, eu acho—está certo?

U SAN NYUN

Nirvana é Sânscrito, Nibbāna é páli.

EU

E como se atinge isso?

U SAN NYUN

Nós nos esforçamos para alcançar a iluminação. Com isto, quero dizer a plena compreensão das quatro nobres verdades— a verdade sobre o sofrimento e todas as formas de existência, a verdade sobre o surgimento do sofrimento; a verdade sobre a cessação do sofrimento, e a verdade sobre o caminho que conduz à cessação do sofrimento.

EU

E quando tivermos plena compreensão dessas verdades é que poderemos vencer o sofrimento, é assim?

U SAN NYUN

Isso mesmo. Para atingir a iluminação, seguimos o nobre caminho óctuplo — visão correta, pensamento correto, fala correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, consciência correta, concentração correta.

EU

E na busca destas coisas, a meditação desempenha um grande papel?

U SAN NYUN

Sim.

EU

Poderia falar um pouco sobre os melhores métodos, a seu ver, de meditação?

U SAN NYUN

Existem diversos sistemas de meditação adequados para diferentes tipos de pessoas, de acordo com seu caráter e sua disposição, mas a maioria dos métodos envolve concentrar a atenção sobre o processo de respiração.

Esse é o método mais universalmente adotado com bons resultados.

EU

E esse é o que o senhor usa, não é?

U SAN NYUN

Sim, eu mesmo uso.

EU

O senhor acha que a vida ascética é essencial para meditação?

U SAN NYUN

Não. O ascetismo extremo é supérfluo, na verdade, é pernicioso.

O Buda encorajava seus seguidores a evitar os dois extremos de auto-indulgência por um lado e de auto-mortificação, pelo outro.

EU

Mas ele insistiu, é claro, na obediência rígida a um código moral?

U SAN NYUN

Ah, sim. A virtude é essencial, é através da virtude que a sabedoria brilha.

EU

E o senhor distingue certos estágios na meditação?

U SAN NYUN

Sim, certamente. Há dez estágios de avanço e eles são sistematicamente classificados e descritos nos ensinamentos do Buda. O texto pode então ser

comparado com a própria experiência de uma pessoa, para que ela possa saber exatamente onde está.

EU

O senhor acha que a prática do desapego dificulta uma atitude vigorosa, ativa para com os deveres cotidianos?

U SAN NYUN

Não, eu não acho que seja assim. Na verdade eu acho que posso trabalhar melhor depois da meditação. Eu gostaria de explicar um pouco sobre este ponto. Um bom budista dedica-se à meditação por uma ou duas horas em sua casa à noite ou ao amanhecer. Quando está assim absorto em sua meditação, ele está desligado dos assuntos mundanos, da mesma forma como um homem adormecido está desligado de todas as preocupações. O homem adormecido, quando acorda, é um novo homem, pode se dedicar a seus deveres cotidianos com novo vigor. No caso de um homem que pratica meditação, ele é ainda mais do que isso. Ele descansou das coisas mundanas, elevou seu plano mental a um estado mais alto de pureza, e desenvolveu o seu poder de concentração, de modo que quando se aplica ao seu trabalho diário, durante as horas de trabalho, ele o faz com maior entusiasmo, maior concentração, e com uma perspectiva mais ampla, trabalhando para o bem de todos e não apenas para fins egoístas.

Uma coisa que eu gostaria de acrescentar, o desapego absoluto só vem no último estágio da perfeição. Nós chamamos a pessoa que alcançou isto de Arahant. Ela rompeu as amarras da existência cósmica. Ela não pertence mais ao mundo ou ao universo.

EU

Posso perguntar, como o senhor começou? Houve algum evento em particular ou alguma experiência que o tenha iniciado na sua vida religiosa?

U SAN NYUN

Bem, no budismo não existe nada como uma revelação súbita, ou uma chegada abrupta a um momento decisivo de transformação. Compreensão e gratidão chegam com a experiência e a sabedoria.

EU

Existem momentos agora, quando o senhor sente dúvidas, quando a sua fé parece falhar?

U SAN NYUN

Bem, eu sou uma pessoa comum, o que chamamos de “homem mundano”. É natural que surjam dúvidas em mim de vez em quando. Mas quando uma pessoa está bem estabelecida no budismo e atingiu o primeiro estágio, já descartou todas as dúvidas e heresias.

EU

Entendo. E o senhor acredita em vida após a morte, é claro?

U SAN NYUN

Ah sim, eu acredito. E no Karma.

EU

O senhor pode explicar isso um pouco?

U SAN NYUN

Bem, Karma é a lei universal de ação e reação, causa e efeito, pela qual podemos determinar o nosso futuro pelas nossas próprias ações. É a explicação prática e científica da verdade de que “O que se planta se colhe”. Estas palavras foram proferidas pelo próprio Buda, 500 anos antes de Cristo.

EU

Mas sobre os diferentes estágios ou formas em que uma pessoa renasce— poderia dizer algo sobre isso?

U SAN NYUN

Simplesmente renascemos em uma nova existência— na mais alta das esferas ou na mais baixa das esferas, de acordo com nossa conduta, isto é, de acordo com nossas ações passadas.

EU

O senhor acredita, U San Nyun, que pessoas devotas seguidoras de outras religiões estejam contribuindo para o mesmo objetivo que o senhor?

U SAN NYUN

Até o ponto em que as outras religiões estejam contribuindo com virtude, todos estarão contribuindo para a elevação espiritual da humanidade, mas a virtude e o ensino da moralidade em si são apenas a primeira etapa no caminho para a libertação.

EU

E o senhor considera que o budismo tem uma mensagem para o mundo, para ajudar a resolver seus problemas?

U SAN NYUN

Ah sim, certamente. Afastar-se do mal, praticar o bem, purificar o coração, este é o ensinamento do Buda. O Buda disse que devemos vencer a raiva com bondade; deve-se vencer o ódio com amor; deve-se vencer o mal com o bem; deve-se vencer o avaro com um presente, e o mentiroso, com a verdade. O Buda pregava ser essa a atitude perante a vida a ser seguida pelo leigo. É minha convicção que o budismo tem um grande futuro neste mundo como um todo. É a única religião que se equipara com a ciência moderna. Eu espero profundamente que o Ocidente estude o budismo, e se o fizerem, será possível resolver os problemas do mundo e trazer felicidade e segurança.

PALESTRA SOBRE UM MÉTODO DE PRATICAR A CONTEMPLAÇÃO

(Esta é uma versão resumida de um memorando de instruções de meditação que me foi dado em um importante centro de meditação na Birmânia.)

O ESTÁGIO PREPARATÓRIO

Qualquer pessoa que deseje sinceramente desenvolver a contemplação e atingir uma compreensão profunda na vida presente deve, em primeiro lugar, deixar temporariamente de lado os pensamentos e as ações mundanos durante o treinamento. Deve, ao mesmo tempo, observar de forma estrita as regras de disciplina prescritas para discípulos leigos e monges, respectivamente. Este curso de ação de purificação do caráter é essencial como um passo preliminar para o bom desenvolvimento da contemplação e desempenha um papel importante na obtenção da compreensão profunda. Se alguma vez acontecer do discípulo olhar para qualquer Nobre Ser com desprezo, ou falar a respeito em tom de zombaria ou malícia, deve, pessoalmente ou através de seu Instrutor de Meditação, apresentar suas

incondicionais desculpas. Ressalta-se que um discípulo deve se entregar ao Buda durante o período de treinamento. A vantagem desta ação é a de que ele não se sentirá alarmado ou amedrontado se tiver quaisquer visões assustadoras ou insalubres durante a contemplação. Além disso, é enfatizado que um discípulo deve se entregar totalmente a seu instrutor de meditação. A vantagem desta ação é a de que o instrutor pode lhe falar francamente a respeito de seu trabalho na contemplação e lhe dar a orientação necessária. O discípulo deve, portanto, se entregar ao Buda e confiar totalmente em seu instrutor. Este curso intensivo de treinamento em contemplação deve, certamente, levar o discípulo a Magga Ñāṇa (o Caminho para Nibbāna) e Nibbāna (Libertação). O discípulo deve, portanto, inclinar a sua mente para esse fim, desejando ardentemente que seu treinamento seja concluído com êxito.

O mesmo tipo de curso intensivo de treinamento em contemplação tem sido seguido invariavelmente por sucessivos Budas e Ariyas que alcançaram o Nibbāna. É, portanto, motivo de felicitações para um discípulo ter a oportunidade de trilhar o mesmo caminho e de realizar o mesmo treinamento. Com estes pensamentos incentivadores, o discípulo deve começar o seu treinamento em primeiro lugar se entregando ao Buda, valorizando intensamente as nove qualidades características do Buda. O discípulo deve então emanar a sua Mettā (amor compassivo todo abrangente) ao espírito guardião de sua morada, e para todos os seres vivos em todo o universo. Se possível deve até considerar brevemente a condição de constante aproximação da morte e a condição do estado insalubre do cadáver após a morte.

Para começar os exercícios do treinamento, é melhor assumir a postura sentada com as pernas cruzadas. O discípulo pode se sentir mais confortável ao sentar-se por um longo tempo se mantiver as pernas afastadas, sem pressionar uma contra a outra. Aqueles que não estão acostumados a se sentar no chão, que considerariam isto um impedimento para a sua concentração, poderão sentar-se de sua maneira habitual.

UMA ANTOLOGIA BUDISTA

Então em segredo me sentei e assim a ponderar eu comecei: “Quanto sofrimento, voltar a nascer e ter a carne dissolvida na hora da morte! Sujeito a nascer, envelhecer, adoecer, almejarei encontrar a Extinção, Onde decadência alguma será jamais conhecida, Nem a morte, mas toda a segurança.

“E se eu agora me livrasse deste corpo nojento, desta casa mortuária, E seguisse meu caminho sem preocupação, ou qualquer lamento pelo que passou! “Há, deve haver uma saída! Impossível que não haja! Eu farei a busca e encontrarei o caminho, que da existência irá me libertar!”

Da Introdução ao **Jātaka**. (Buda está descrevendo como, em uma existência anterior, ele resolveu pela primeira vez se esforçar para atingir o estado de Buda.)

As seguintes citações são extraídas da **Dhammapada**, a mais conhecida compilação das palavras do Buda:

Se um homem dominasse em batalha mil vezes mil homens, e outro homem dominar apenas um, a si mesmo, este último é de fato o maior dos conquistadores.

A conquista de si mesmo é de fato melhor do que a conquista de outras pessoas; de quem disciplinou a si mesmo, que sempre pratica o auto-controle.

Capítulo VIII, v. 4 e 5

As naturezas (mentais) são o resultado do que pensamos, são chefiadas por nossos pensamentos, são constituídas de nossos pensamentos. Se um homem fala ou age com um mau pensamento, o sofrimento o segue (como consequência), assim como a roda segue o pé de quem a arrasta (ou seja, o boi que puxa a carroça).

Cap. I, v. 1

Vigilância é o caminho para a vida eterna, falta de atenção é o caminho para a morte. Aqueles que estão vigilantes (que são adeptos da reflexão) não morrem. Os desatentos são como se já estivessem mortos.

Cap. II, v. 1

Não se entregue à preguiça ou à intimidade com a luxúria e os prazeres sensuais. Aquele que medita com seriedade atinge grande alegria.

Cap. II, v. 7

Quando o sábio afasta a preguiça pelo esforço extenuante, escalando a torre alta da sabedoria, ele fita, livre de sofrimento, a multidão sofredora abaixo. A pessoa sábia fita aos tolos assim como o pico de uma montanha contempla os moradores da planície (abaixo).

Cap. II, v. 8

Não há temor para aquele cujo pensamento é imperturbado (pelas falhas), cujo pensamento é inabalado, que deixou de pensar sobre o bem e o mal, que está acordado (atento, vigilante).

Cap. III, v. 7

Longa é a noite para aquele que está acordado, longa é a yojana (um espaço de nove ou 12 milhas) para aquele que está cansado; longa é a cadeia de existência para os tolos que não conhecem a verdadeira lei.

Cap. V, v. 1

Não será a nudez, não serão os cabelos emaranhados, não será a sujeira (literalmente, lama), não será o jejum, não será o ato de dormir no chão, não será o esfregar-se com cinzas (literalmente, poeira), não será o sentar-se imóvel, que irão purificar um mortal que não estiver livre de dúvidas.

Cap. X, v. 13

O homem tolo, que despreza o ensinamento dos santos, dos seres nobres e virtuosos, e segue falsas doutrinas, gera o fruto de sua própria destruição, como ocorre com o junco Khattaka.

Cap. XII, v. 8

Não se pode satisfazer as próprias paixões até mesmo com uma chuva de moedas de ouro. Aquele que sabe que “as paixões são de pouco gozo e geradoras de dor” é um homem sábio.

Cap. XIV, v. 8

Vitória gera ódio; o derrotado vive em tristeza. Aquele que abdicou de (pensamentos sobre ambas) vitória e derrota, este é calmo e vive feliz.

Não há fogo como a paixão, nenhum mal como o ódio, não há tristeza como essa existência física (individualidade), não há felicidade maior do que tranquilidade.

Cap. XV, v. 5 e 6

Através (da observação) do silêncio, um homem não se torna um sábio caso seja tolo e ignorante; mas aquele homem sábio, que, ao segurar (por assim dizer) a balança, toma o que é bom.

Cap. XIX, v. 13

Devem se esforçar. Os Abençoados são (apenas) pregadores.

Aqueles que adentram o caminho e praticam a meditação são liberados da escravidão de Mara (morte, pecado).

Cap. XX, v. 4

Não há caminho no céu, não há reclusão fora (de nós). Nada no mundo dos fenômenos é eterno, não há instabilidade para os despertos.

Cap. XVIII, v. 21

EXTRATOS DE “O EVANGELHO DE BUDA” DE PAUL CARUS

Pessoas boas brilham de longe, como as montanhas nevadas; as pessoas ruins não são vistas, como flechas disparadas à noite.

Se um homem, ao causar dor aos outros, deseja obter prazer para si mesmo, ele, enredado nas amarras do egoísmo, nunca estará livre de ódio.

Deixe um homem superar a raiva pelo amor, e poderá vencer o mal com o bem; deixe-o vencer os gananciosos com a generosidade, o mentiroso com a

verdade! Pois o ódio não cessará pelo ódio em nenhum momento; ódio cessa por amor, esta é uma regra antiga.

Diga a verdade, não ceda à ira; dê, se lhe for pedido: por estes três passos tornar-se-á divino.

Deixe que todos os sábios se livrem de suas próprias impurezas, assim como um ferreiro destrói a impureza da prata, uma por uma, pouco a pouco e a cada vez.

Guie os outros, não pela violência, mas pela lei e retidão.

Aquele que possui virtude e inteligência, que é justo, fala a verdade, e se ocupa com seus próprios afazeres, a ele, o mundo irá estimar.

Assim como a abelha coleta o néctar e parte sem ferir a flor, ou a sua cor ou a sua fragrância, que um sábio habite desse mesmo modo naquela aldeia.

O dádiva da religião ultrapassa todas as dádivas; a doçura da religião ultrapassa toda a doçura, a alegria da religião excede todo o deleite; a extinção da sede supera toda a dor.

Poucos são entre os homens os que cruzam o rio e alcançam a meta.

As grandes multidões estão correndo margem acima e margem abaixo mas não há sofrimento para aquele que terminou sua jornada.

Vivamos felizes então, sem odiar aqueles que nos odeiam! Dentre os homens que nos odeiam, permaneçamos livres do ódio.

Vivamos felizes, então, livres de todas as doenças dentre os doentes!

Dentre os homens que estão doentes, permaneçamos livres de doença!

Vivamos felizes, então, livres da ganância dentre os gananciosos!

Dentre os homens que são gananciosos, permaneçamos livres da ganância!

O sol é brilhante durante o dia, a lua brilha durante a noite, o guerreiro é brilhante em sua armadura. Pensadores são brilhantes em suas meditações,

mas dentre todos o mais brilhante esplendor, dia e noite, é o Buda, o Desperto, o Santo, o Abençoado.

Título original: **Men Seeking God**, Londres, Allen & Unwin, 1955
Este livro faz parte da série Pariyatti Treasures ver também: www.pariyatti.org

Para maiores Informações sobre Vipassana: www.dhamma.org/pt/ Informações para Alunos Antigos
www.santi.dhamma.org/os

Página ATUAL ALUNOS ANTIGOS Dhamma SAnti:
<https://santi.dhamma.org/pt-BR/old-students/>